

A caixa de surpresas

CARLOS CHAGAS

Se Tancredo Neves soubesse, não teria pedido aos governadores oposicionistas, terça-feira, em São Paulo, que evitassem o lançamento formal de seu nome como candidato à sucessão. Também, não é sempre que o imprevisível pode ser previsto. O general João Figueiredo, ontem, em audiência ao deputado Inocêncio Oliveira, disse que o governador mineiro vai ganhar no colégio eleitoral. Mas não ficou aí. Derramou-se em elogios a Tancredo, "um político competente e hábil, que pode ser presidente da República", a quem ele passará a faixa, se eleito.

O homem não tem jeito mesmo, apesar de, agora, haver falado a favor e não contra o bom senso. Além de não dizer coisa com coisa, mudando a cada dia conceitos e opiniões sobre tudo, acaba de acionar sua metralhadora verbal sobre mais um candidato à sucessão, precisamente aquele que, até ontem, se presumia o seu mais novo preferido. Acentuou, a respeito de Paulo Maluf, que ele vencerá a convenção do PDS mas perderá para Tancredo Neves no colégio eleitoral, pois é um dos responsáveis

pela divisão no partido, dada a maneira açodada com que desenvolve sua campanha.

O presidente já foi Aureliano Chaves, antes de operar-se, em Cleveland, há dois anos. Depois, mudou para Mário Andreazza, que pareceu por mais de um ano o seu preferido. De repente, tomou-se de amores por Paulo Maluf, impedindo a realização de prévia sucessória entre as bases pedessistas, iniciativa que mataria as aspirações do ex-governador paulista. Agora, aposta em Tancredo Neves, e não poupa elogios ao governador mineiro.

Tancredo Neves foi apresentado com um prognóstico valioso. Até decisivo para suas pretensões. Ou não será o presidente da República, ao menos na teoria, o mais bem informado dos brasileiros, tendô à sua disposição toda a máquina do SNI? E foi o presidente da República quem disse, com todas as letras, que ele vencerá no colégio eleitoral...

Seria cômico se não fosse trágico assistir a um chefe de governo, além de verberar o seu próprio partido, dizer-se desiludido, magoado e de-

sencantado com sua própria obra. Porque não se deve a outro personagem, mais do que a ele, a olímpica confusão reinante no quadro sucessório — para não falar de outros quadros.

É mais do que provável que, amanhã, Figueiredo dê o dito pelo não dito e encontre outro candidato sobre quem lançar suas boas graças. No fundo, parece não querer ninguém, apesar da promessa de transmitir o poder a quem vier a ser indicado no pleito indireto. Paulo Maluf, ontem mesmo, no Ceará, foi participado das surpreendentes declarações que, se não constituem uma declaração de guerra às suas pretensões, exprimem um estado de beligerância surda. Mário Andreazza ficará mais perplexo ainda. Aureliano Chaves, em nova meditação em sua fazenda de Três Pontas, irritar-se-á um pouco mais. E Tancredo Neves que se cuide, pois nessa estranha gangorra, caem todos no chão, conforme os singulares conceitos presidenciais. Talvez venha a sobrar, como supõem os mais pessimistas, um único nome do agrado de Figueiredo. Ele mesmo...

(Brasília/Ag. Estado)